

**PROVA DE SELEÇÃO PARA O DOUTORADO EM LITERATURA
COMPARADA – 2023**

Tempo de duração da prova: 4 horas.

1) A partir dos trechos abaixo, efetue reflexões a respeito do conceito de cânone e suas possibilidades de articulação no contexto contemporâneo. Organize sua argumentação segundo um repertório teórico, crítico e literário próprio.

Texto 1:

“A América Latina foi e continua sendo palco de seletividades perversas.

Talvez por isso, artistas contemporâneos do continente estejam se apropriando de discursos hegemônicos sobre a vida para reorganizá-los e ressitua-los. Essas experiências de reelaboração, por meio da criação visual, do experimento verbal, do cinema e da poesia, revelam a violência de formas de conhecimento associadas à atribuição seletiva de humanidade. Assim, a produção latino-americana contemporânea tem criado novas histórias, fazendo ver a convergência entre estética e política. Mais do que isso, tem representado um modo relevante de enfrentar um mundo atravessado pelas graves consequências de desqualificação da vida.

Acredito, porém, que a formulação de alternativas passa também pelas reflexões insubordinadas, por uma escrita de interrogação, de modos de fazer, pensar e estar. A contribuição para o pensamento é igualmente política, estética e ética.”

(DAFLON, Claudete. *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário, 2022. p. 51)

Texto 2:

“A excessiva preocupação com o ‘contexto social’ e a ‘identidade’, que aparece em todos os documentos do MEC, assim como o temor de um ‘elitismo’ que caracterizaria o ensino dos textos ‘canônicos’, deu origem a uma desconfiança com relação a esses textos no ensino secundário. Cavou-se assim um buraco entre o secundário anticanônico e os programas canônicos dos vestibulares. O resultado é o artificialismo dos estudos literários nos cursinhos, baseados muitas vezes em resumos de ‘grandes’ obras e apreciações gerais a respeito delas.

Ora, o ensino da literatura, de qualquer nacionalidade, não é elitista, mas democratizante. O livro ainda é o objeto cultural mais barato e acessível, e o texto do *Dom Quixote* ou de *Dom Casmurro* é o mesmo, num volume encadernado em papel bíblia ou num exemplar de banca de jornal. Além disso, sem o ensino específico da leitura literária, haveria uma contradição entre as louváveis iniciativas governamentais e as

diretrizes oficiais para o ensino: o paradoxo da criação de bibliotecas sem que a escola se preocupe em formar leitores. Se os leitores de literatura constituem uma elite, esta é aberta a todos os alfabetizados, cabendo aos professores apenas mostrar o objeto sob sua melhor luz. Quanto à especialização em literaturas estrangeiras, ela não constitui necessariamente um afastamento da cultura brasileira, porque esta é o fruto da assimilação de muitos aportes estrangeiros e sobretudo porque qualquer reivindicação do ‘autenticamente nacional’ é um erro antropológico de base. E porque a boa literatura é, por definição, universal.

Quanto à preocupação com o ‘politicamente correto’, que leva os professores universitários de literatura a preferirem os ‘estudos culturais’ de tipo norte-americano, dentro dos quais as obras são escolhidas em razão de sua temática e não em razão de sua qualidade estética, haveria ainda muito a dizer. Afinal, ensinar literatura é sempre um ato político, pois, como diz Adorno, qualquer que seja sua temática, a poesia desvende o ‘fundamento qualitativo’ da sociedade. Deve-se, segundo ele, ‘não fazer abusivamente dos textos poéticos o objeto de demonstrações sociológicas, mas fazer de modo que a relação desses textos com o social desvende algo que lhes é essencial, algo de seu *fundamento qualitativo*’. A grandeza da obra de arte – diz ele ainda – é a de ‘deixar falar aquilo que a ideologia dissimula’.

[...] Talvez o subversivo, hoje, seja ensinar os ‘autores canônicos’ (Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Balzac, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade...), porque a literatura de massa está disponível aos alunos sem que eles precisem de ‘introdução’, e as informações superficiais sobre a realidade contemporânea estão em todos os jornais e televisões, ou na internet.”

(PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. *Literatura e sociedade*, v. 11, n. 9, p. 16-29, 2006. p. 28-29.)